

As quatro gerações de avaliação

Joaquim Morgado

1. A avaliação como medida,
2. A avaliação como descrição,
3. A avaliação como juízo de valor e
4. A avaliação como negociação e construção

Guba e Lincoln (1989)

A avaliação como medida

- A primeira geração de avaliação – da medida – inspira-se nos testes, desenvolvidos em França por Alfred Binet, destinados a medir a inteligência e as aptidões.
- Esta avaliação acabou por ser adotada pelos sistemas educativos no início do século XX.
- Sinónimo de medida, a avaliação era, portanto, uma questão fundamentalmente técnica.
- Através de testes bem construídos, era possível medir com rigor e isenção as aprendizagens escolares dos alunos.
- Segundo Fernandes (2005, p. 57), esta é uma perspetiva em que:

– classificar, seleccionar e certificar são as funções da avaliação por excelência;

- os conhecimentos são o único objeto de avaliação;
- os alunos não participam no processo de avaliação;
- a avaliação é, em geral, descontextualizada;
- se privilegia a quantificação de resultados em busca da objetividade, procurando garantir a neutralidade do professor (avaliador);
- a avaliação é referida a uma norma ou padrão (por exemplo, a média) e, por isso, os resultados de cada aluno são comparados com os de outros grupos de alunos.

A avaliação como descrição

- Ralph Tyler é o autor mais influente;
- A medida deixou de ser sinónimo de avaliação e passou a ser um dos meios ao seu serviço;
- A principal diferença em relação à geração anterior reside na formulação de objetivos comportamentais e na verificação da sua consecução pelos alunos, podendo, assim, falar-se numa função reguladora da avaliação, embora sem a sofisticação teórica e prática que se lhe atribui atualmente.

A avaliação como juízo de valor

- Segundo Fernandes (2005, p. 59), é no âmbito desta geração de avaliação que surgem ideias como as seguintes:
 - a avaliação deve induzir e/ou facilitar a tomada de decisões que regulem o ensino e as aprendizagens;
 - a recolha de informação deve ir para além dos resultados que os alunos obtêm nos testes;

- a avaliação tem de envolver os professores, os pais, os alunos e outros intervenientes;
- os contextos de ensino e de aprendizagem devem ser tidos em conta no processo de avaliação;
- a definição de critérios é essencial para que se possa apreciar o mérito e o valor de um dado objeto de avaliação.

A avaliação como negociação e construção

- Segundo Fernandes (2005, p. 59), é no âmbito desta geração de avaliação que surgem ideias como as seguintes:
 - Os professores devem partilhar o poder de avaliar com os alunos e outros intervenientes e devem utilizar uma variedade de estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação.
 - A avaliação deve estar integrada no processo de ensino e aprendizagem.
 - A avaliação formativa deve ser a modalidade privilegiada de avaliação, com a função principal de melhorar e de regular as aprendizagens.
 - O feedback, nas suas mais variadas formas, frequências e distribuições, é um processo indispensável para que a avaliação se integre plenamente no processo do ensino-aprendizagem.
 - A avaliação deve servir mais para ajudar as pessoas a desenvolverem as suas aprendizagens do que para as julgar ou classificar numa escala.
 - A avaliação é uma construção social em que são tidos em conta os contextos, a negociação, o envolvimento dos participantes, a construção social do conhecimento e os processos cognitivos, sociais e culturais na sala de aula.

– A avaliação deve utilizar métodos predominantemente qualitativos, não se pondo de parte a utilização de métodos quantitativos.